



IX Congresso Nacional de Educação - EDUCERE
III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia
26 a 29 de outubro de 2009 - PUCPR

INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

BRITO, Clovis da Silva – CMC
crovao_8@hotmail.com

Área Temática: Violências nas escolas
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este artigo apresenta uma investigação sobre a concepção de indisciplina entre docentes de Educação Física. Com esse propósito buscou-se, primeiramente, compreender a questão da disciplina e do controle dos alunos no interior da escola e, especificamente, no contexto da Educação Física, que utiliza basicamente os esportes como seu conteúdo principal. Para essa compreensão utilizou-se um conjunto de conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, que analisa como a manutenção do poder acontece no interior das *instituições de seqüestro*. As concepções desse teórico foram relevantes para entender a preocupação com o controle dos alunos, seja através do espaço físico, do tempo, e das estratégias de ensino. Tal relato de pesquisa, ao analisar como alguns docentes de Educação Física pensam a indisciplina escolar, pretendeu também propor inquietações e estimular reflexões sobre práticas pedagógicas e situações de indisciplina, as quais verificamos serem relacionadas, pelos professores, a incerteza, insegurança e conflito. A pesquisa inclui, também, um trabalho de campo, realizado sob um enfoque qualitativo, que englobou entrevistas semi-estruturadas com seis professores de Educação Física. As entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2006. O conteúdo das entrevistas foi submetido a uma Análise de Conteúdo, através da qual concluiu-se que a Educação Física realiza a manutenção do poder, especificamente, mantém o esporte — e tudo que circula no universo esportivo — em um lugar de destaque. Também podemos concluir que a indisciplina na Educação Física é vista como tentativa de romper com a circularidade da manutenção de esquemas de poder derivados de práticas pedagógicas decorrentes de uma concepção da área esportiva e que se refletem como referências sobre as aulas dessa matéria.

Palavras-chave: Educação Física; Indisciplina; Disciplina.

Introdução

Este artigo apresenta uma investigação sobre a concepção de indisciplina entre

professores de Educação Física¹. A pesquisa envolveu um trabalho de campo junto a um grupo de professores dos Ensinos Fundamental e Médio, que atuavam em escolas particulares e públicas — de âmbitos federal, estadual e municipal — na cidade de Curitiba, Paraná.

A questão central desta pesquisa — o que os professores de *Educação Física*² consideram por indisciplina escolar — surgiu durante uma reunião pedagógica, cujo tema era a indisciplina dos alunos, realizada no ano de 2004 em uma escola de Ensino Fundamental e Médio. Nessa reunião, observei que a indisciplina foi uma questão muito presente na falas dos professores. Eles pareciam esperar que seus alunos tivessem atitudes padronizadas, que fossem obedientes o tempo todo e não manifestassem comportamentos usuais da infância e da adolescência.

Pareceu-me, naquela ocasião, que a *disciplina*³ desejada pelos professores representava uma forma de doutrinação, um modo de adestrar os alunos para melhor controlá-los. Ao refletir sobre as expectativas dos professores, notei uma contradição entre elas e aquilo que as tendências pedagógicas, então em voga, desejavam para o sujeito educado e escolarizado — ou seja, pessoas questionadoras, atuantes e criativas. Além dessa contradição, pude também notar que os professores gostariam de ver seus alunos como sujeitos estabilizados e formatados segundo determinadas intenções sociais que visavam à conservação de uma ordem vigente. Os discentes, então, deveriam se “comportar” como alunos em posição passiva, e os professores teriam de se “colocar” como docentes em um pedestal acima do bem e do mal. Dessa maneira, a ordem, que esses professores almejavam, seria conservada.

Formado em Educação Física há mais de 15 anos, atuei como professor desta matéria em algumas escolas públicas, na cidade de Curitiba, estado do Paraná. Em diversas ocasiões, ouvi relatos de colegas de profissão sobre alunos indisciplinados, fato que esteve presente em todas as escolas onde trabalhei. Ao longo dos anos, conversando com professores de Educação Física e observando algumas de suas aulas, notei que havia uma diversidade de entendimentos conceituais a respeito da indisciplina, fato que interferia e direcionava suas práticas pedagógicas, seus conteúdos, suas metodologias e, até mesmo, seus processos de

¹ A pesquisa empírica aqui apresentada é parte da dissertação de Mestrado de Brito (2007), intitulada *A Indisciplina na Educação Física Escolar*.

² No transcorrer deste artigo, o termo *Educação Física* será usado para se referir à matéria escolar que compõe o currículo na Educação Básica.

³ Utilizarei o termo *disciplina*, nesta pesquisa, como um dispositivo, uma tecnologia ou uma ferramenta de controle no sentido apresentado por Foucault (2004, p. 182).

avaliação. Para aqueles docentes, segundo o que pude perceber, os conceitos de indisciplina escolar, violência e vandalismo tinham o mesmo significado⁴ e, quando tais incidentes ocorriam, eram tratados, todos, como se fossem indisciplina escolar.

Sendo assim, a partir do que pude observar, a indisciplina teria uma grande importância para aqueles profissionais da Educação Física. Mas nunca consegui ter claro, afinal, o que aquela classe de docentes, na qual eu estava e estou inserido, que trabalhava conteúdos que abordavam, por exemplo, esportes presentes no cotidiano dos alunos, entendia por indisciplina escolar. Se esse fenômeno é tão importante e influencia as práticas pedagógicas desses docentes, o que eles consideram, então, como *indisciplina*? Essa foi a pergunta que, biograficamente, motivou-me a investigar essa questão tão complexa.

O conceito tradicional de indisciplina — e, segundo Garcia (2001, p. 376), “arcaico”, que faz com que os professores entendam esse fenômeno apenas como um “problema comportamental”, do qual somente os alunos são os culpados — deve ser revisto, estudado e melhor compreendido dentro da escola. Esse tema, para uma grande parcela da comunidade escolar, é motivo de preocupação, visto que a ocorrência de problemas classificados como indisciplina causa, como afirma Garcia (1999, p. 101), estresse nas relações interpessoais, principalmente quando associada a situações de conflito em sala de aula.

Os professores de Educação Física também vivenciam situações de apreensão, incerteza, insegurança e conflito, que envolvem indisciplina e se apresentam no cotidiano da escola, fazendo com que repensem suas práticas educativas e questionem velhos conceitos.

Na Educação Física, parece estar ainda muito presente, na percepção da comunidade escolar, conceitos e esquemas das tendências Higienista, Militarista e Tecnicista, de décadas passadas, que tinham como objetivo a formação de jovens sadios e a premiação dos fisicamente mais fortes. Essa visão determinava, entre outros itens, uma disciplina exacerbada, que valorizava a obediência tácita e o adestramento corporal. Se os tempos são outros e os alunos também, entendo que a visão sobre disciplina e indisciplina, nesta matéria escolar, deveria ter evoluído juntamente com os outros conceitos educacionais.

⁴ A *violência*, para Guimarães (1996, p. 73), “seria caracterizada por qualquer ato [...] que, no sentido jurídico, provocaria, pelo uso da força, um constrangimento físico ou moral”. Estrela (2002, p. 132) afirma “que os meios de comunicação social tendem a reforçar a associação entre indisciplina, violência e delinquência”, o que é uma generalização abusiva, pois a indisciplina escolar, na maior parte dos casos, não é violência e muito menos delinquência. Estrela (2002, p. 133) afirma que diversas pesquisas sobre indisciplina demonstram que esta, quando ocorre, visa a “assegurar as condições de funcionamento do ensino-aprendizagem e garantir a socialização dos alunos, mas raras vezes infringe as normas legais que asseguram a ordem na sociedade civil”, tais como agressões físicas, depredações da escola ou qualquer ato caracterizado como violência.

Neste momento de renovar as práticas pedagógicas e a formação dos professores e mais especificamente, a dos professores de Educação Física, que buscam superar a noção de esporte-espetáculo, tão enraizada e presente nesta matéria, percebe-se que alguns docentes ainda atuam nas aulas como técnicos⁵ e, como tais, buscam, por exemplo, disciplinar seus alunos servindo-se de metodologias que controlam a participação e impõem uma receptividade passiva. Ou seja, o aluno deve receber as instruções de maneira obediente executando aquilo que lhe foi ordenado fazer. A Educação Física é parte da formação do aluno, e as vivências corporais devem propiciar a ele, entre outros itens, bases para o desenvolvimento de sua capacidade de criação, questionamento, releitura de situações vivenciadas, etc., sem enfatizar apenas o *adestramento* que visa ao esporte, seja formando praticantes ou espectadores.

Pode-se dizer que o tema da indisciplina está relacionado a um conjunto amplo de fatores, entre eles conflitos e desconfortos, tanto na sala de aula como na escola em geral, por isso, quando ocorre, compromete diretamente o desempenho dos professores (OLIVEIRA, 2004, p. 10; REGO, 1996, p. 83). Porém, se comparado a outros temas da área educacional, a indisciplina ainda apresenta poucos estudos no Brasil — Aquino (1996, p. 40) afirma que a indisciplina é um velho problema conhecido de todos, mas existem poucas pesquisas dedicadas a esse assunto.

Para a continuidade deste artigo apresento, na seqüência, alguns conceitos desenvolvidos por Michel Foucault para pensar a escola, local onde está inserido a Educação Física, na continuidade desenvolvo um tópico demonstrando os corpos dóceis desenvolvidos nas aulas de Educação Física. Em seguida apresento o desenvolvimento da pesquisa e concluo o artigo analisando como os docentes de Educação Física, da pesquisa apresentada, compreendem a indisciplina escolar.

As práticas pedagógicas disciplinares na escola sob a perspectiva de Foucault

Ao pensar a escola enquanto *instituição de seqüestro* (FOUCAULT, 1996, p. 114), responsável por disciplinar os indivíduos, também é possível compreendê-la como uma

⁵ Alguns professores que atuam em escolas buscaram a formação em Educação Física para trabalhar como técnicos, mas por situações sociais e financeiras acabaram em sala de aula e desenvolvem suas atividades enfatizando o esporte. Esses docentes não conseguem visualizar a diferença que há entre ser um professor escolar — que busca um tipo de formação para seu aluno — e um técnico — que, basicamente, prepara o aluno para dominar determinado esporte (BRITO, 2007, p. 13).

espécie de poder judiciário, onde a todo o momento se pune, se recompensa, se avalia, se classifica, se diz quem é o melhor, quem é o pior, quem será punido e quem será libertado (FOUCAULT, 2004, p. 149). Enfim, olhar a escola sob a visão de Foucault é entender que essa instituição é responsável por enformar⁶ os indivíduos, preparando-os para exercer a relação do poder e do saber pensado para a sociedade disciplinar.

Para entender tal relação, é preciso compreender que a escola é um lugar onde o poder produz saber, ou seja, onde ele se mantém, sendo aceito e praticado por todos os membros da instituição, desde a figura do diretor até a dos alunos. A escola produz esse saber por meio de mecanismos específicos e o instaura num âmbito coletivo, realizando, assim, a manutenção do poder. O próprio Foucault se referiu a esse item, afirmando:

São instrumentos efetivos de formação e de acúmulo de saber, são métodos efetivos de observação, técnicas de registro, procedimentos de investigação e de pesquisa, são aparelhos de verificação. Isto quer dizer que o poder, quando se exerce em seus mecanismos finos, não pode fazê-lo sem a formação, a organização e sem pôr em circulação um saber, ou melhor, aparelhos de saber [...]. (FOUCAULT, 1999, p. 40).

A escola foi, junto com a sociedade disciplinar, solicitada a abandonar os castigos ou punições ao corpo. Esses fatores estavam bastante presentes na sociedade de soberania — em que os soberanos tinham o direito de causar a morte, deixar viver ou determinar diversas punições corporais para seus súditos (ARTUSO, 2005, p. 117) — que antecedeu a sociedade disciplinar. A sociedade que estava emergindo não mais aceitava que o castigo fosse usado direta e publicamente no indivíduo. A vigilância passava a ser o objeto deste momento — disciplinar era a meta. O cárcere cumpria essa função na prisão. Na escola, eliminava-se aos poucos a palmatória, substituindo-a por um conjunto de práticas em que a punição fizesse as vezes, exatamente, da restrição ao movimento e à comunicação com os demais (GUIRADO, 1996, p. 63).

Foucault chamava as escolas — assim como os hospitais, as prisões, os asilos e as fábricas — de “instituições de seqüestro” (FOUCAULT, 1996, p. 114). Elas tinham como finalidade não excluir, mas, ao contrário, fixar os indivíduos em um grupo, e tinham como prioridade implicar o controle e a responsabilidade sobre a totalidade ou a quase totalidade do tempo dos indivíduos. As indústrias ligavam-nos, por exemplo, a um aparelho de produção e

⁶ Foucault (2004) utiliza a palavra “enformar” no sentido de padronizar atitudes.

a escola, a um aparelho de transmissão do saber. Essas instituições tinham basicamente três funções: a primeira era fixar os indivíduos em um aparelho de normalização⁷ dos homens; a segunda, controlar os corpos desses indivíduos, transformando-os em força de trabalho; e a terceira função consistia na produção de um poder que mantivesse a ordem social.

Pensando na questão do controle disciplinar exercido nas escolas, busco Foucault (2004, p. 121-127), que apresenta a arte das distribuições para o controle disciplinar, demonstrando como diferentes técnicas eram, em épocas passadas, utilizadas também na escola para vigiar e punir os alunos: a primeira técnica é a da cerca, na qual a idéia do enclausuramento de si próprio, dentro de uma organização física, demonstrava a disciplina da instituição; uma outra arte de controle era a da localização imediata, com cada indivíduo em seu lugar e em cada lugar, um indivíduo; para finalizar a questão do controle, cito a organização seqüencial das carteiras nas salas de aula. Essa organização fez com que o espaço escolar funcionasse como uma máquina de ensinar e também de vigiar, hierarquizar e de recompensar.

O funcionamento de uma escola deveria ser regido por normas e regras que valorizassem não apenas a interação de cada membro na sala, mas também a convivência social dele com as outras turmas e com a instituição como um todo. É isso que acontece nas escolas? Ou será que elas estão preocupadas em vigiar, controlar e disciplinar os alunos, utilizando algumas técnicas específicas de controle? Os métodos de controle identificados por Foucault, foram pensados dentro daquele momento histórico — sociedade disciplinar do final do século XVIII e começo do século XIX — mas, em pleno século XXI pode-se observar que algumas escolas ainda utilizam tais procedimentos, até mesmo inconscientemente, por eles já estarem normalizados dentro das instituições de ensino.

Aquelas técnicas disciplinares, acrescidas de outras tantas de aprisionamento, representam os instrumentos, identificados por Foucault, para o adestramento, para a subordinação dos corpos. A educação escolar de hoje, trabalhando com essas técnicas, desempenha um importante papel que culmina, no contexto social, na subordinação, dominação e alienação dos alunos. Tais técnicas foram identificadas para o momento ao qual Foucault estava se referindo — o da sociedade disciplinar — mas, mesmo após dois séculos, algumas escolas ainda utilizam esses procedimentos, talvez não em sua plenitude, mas com o

⁷ Foucault (1986, p. 189) utiliza o termo normalização não como algo oficial ou legal, mas como algo que é utilizado e aceito para a manutenção do poder. Portanto, as leis são legais, são de direito, mas as ferramentas disciplinares são normalizadas e aceitas.

mesmo objetivo: o controle disciplinar.

Bedoya, Marin e Mena (2005, p. 95) apontam que a Educação Física, dentro de uma visão tradicional⁸, reproduz toda uma teia de relações de poder entre professor e aluno, caracterizando-as pelo disciplinamento e normalização, que privilegiam uma lógica assimétrica nas relações escolares e reproduzem a lógica dos conflitos pelos quais a sociedade padece em seu conjunto. Tal afirmação pode ser pensada para toda a escola e não somente para a Educação Física.

Os corpos dóceis desenvolvidos pela Educação Física

Analisando a história da Educação Física no Brasil, entendo que essa matéria esteve desenvolvendo, consciente ou inconscientemente a submissão de seus alunos a um sistema de regras bem definidas e determinadas pela sociedade (BRACHT, 1992, p. 22; TASSA, 2001, p. 44; e OLIVEIRA, 1994, p. 22). Isso é aceitável, visto que a escola trabalha com aquilo que a sociedade lhe dá permissão para desenvolver.

A Educação Física com enfoque Higienista seguiu as regras da área médica, por meio das quais a sociedade esperava, talvez ainda espere, que essa matéria educasse os alunos para garantir a aquisição e a manutenção da saúde individual, regularizando as práticas de exercícios físicos e auxiliando na melhoria da qualidade de vida da população. Já a Educação Física com enfoque Militarista pretendeu impor aos alunos comportamentos estereotipados, frutos das condutas disciplinares do regime militar. A Educação Física que utiliza basicamente as práticas de determinado(s) esporte(s), seguiu e ainda segue as regras e os objetivos de comportamento das modalidades de esporte de alto nível em um local — a escola — que não tem as mesmas condições físicas e materiais para esse fim. Esses enfoques estão presentes nas práticas dos professores, não são ruins ou bons, mas existem e penso que influenciam na maneira dos professores tratarem seus alunos, planejarem suas aulas e fazerem suas avaliações.

Quando os docentes fazem uso didático da prática do esporte sem a devida reflexão, mesmo sem saber, acabam adaptando seus conteúdos para os moldes e valores de uma pedagogia que privilegia o “fazer por fazer”. Pedagogia esta que tem como finalidade

⁸ Para Bedoya, Marin e Mena (2005, p. 95), a Educação Física tradicional é caracterizada por uma relação pedagógica na qual o professor assume por geral um papel dominante e vertical com relação aos alunos, que, por sua vez, executam um papel passivo e receptivo durante as aulas nos aspectos de participação, envolvimento com atividades práticas e teóricas e na aquisição de novos conhecimentos.

preparar o indivíduo para assumir e desempenhar funções ou papéis previamente marcados na estrutura de classes da sociedade, adaptando-o a normas e valores estabelecidos e não-questionáveis (BRACHT, 1992, p. 45).

Com relação ao controle disciplinar exercido pela Educação Física, relato a pesquisa de Oliveira (2004a) que, trabalhando com essa matéria, desenvolveu três projetos junto aos 50 alunos considerados mais indisciplinados de uma escola pública da cidade de Ribeirão Preto, São Paulo. O autor relata que, em função da grande aceitação da Educação Física no meio escolar e entre os “indisciplinados”, ela passou a se tornar “uma importante ferramenta pedagógica na minimização da indisciplina escolar” (OLIVEIRA, 2004a, p. 102), pois é nesta aula que os alunos têm oportunidade de experimentar diversas atividades, tais como brincar, correr, jogar, gritar, conversar, cooperar e aprender a respeitar as regras e a “figura de uma autoridade, seja a do professor ou de um árbitro”. Esse estudo verificou que a Educação Física foi usada como ferramenta de controle disciplinar, porque buscava domesticar os alunos, através da popularidade que essa matéria tinha entre eles, para transformar os indisciplinados em disciplinados.

Para Moreira (1993, p. 15), é importante “refletir sobre o conceito de Educação Física que tradicionalmente esteve, e ainda está, vinculado aos valores: ordem, disciplina e imutabilidade”. As formas, historicamente conhecidas por essa matéria, de disciplinar o corpo ainda estão presentes nas concepções de muitos professores, influenciando o conceito que eles têm sobre indisciplina.

Analisando as tendências consideradas neste tópico, identifica-se dentro delas uma intenção, uma disposição para utilizar a Educação Física como uma ferramenta, um instrumento de controle, de preparo e transformação dos corpos despreparados dos alunos em corpos úteis, produtivos, obedientes e disciplinados. Essas tendências estariam enformando os educandos para uma obediência coletiva, com o objetivo de manter o sistema funcionando — o poder funcionando.

Desenvolvimento da pesquisa de campo

A pesquisa que originou o presente artigo, englobou uma investigação de campo de caráter qualitativo, por meio da qual buscou-se as concepções de indisciplina de um grupo de professores de Educação Física.

Para o desenvolvimento da pesquisa, primeiramente foi definido qual seria o objeto de

estudo e realizado um levantamento bibliográfico relacionado ao assunto. Ao longo da revisão da literatura, constatou-se que conceber indisciplina dentro do contexto escolar é uma tarefa difícil. Pesquisando o assunto em literatura específica, encontramos o conceito de indisciplina associado a uma variedade de sentidos, questão esta que também foi observada por Oliveira (2004b, p.11), Alves (2002, p.15) e Rego (1996, p. 83). Tal variedade conceitual parece refletir a complexidade desse fenômeno nas escolas, conforme é apontado por De La Taille (1996, p.10) e Garcia (1999, p.102). O entendimento do que seja indisciplina no contexto escolar pode variar de acordo com a situação, com o tipo de aula a ser dada e até mesmo com o perfil do professor (LOPES, 2005, p. 46). Enfim, conceber o que é indisciplina escolar não é tão simples, pois seu conceito pode ser influenciado por diversas variáveis.

A fim de começar o desenvolvimento do trabalho de campo, primeiramente foi localizado os seis professores de Educação Física — três homens e três mulheres — que fizeram parte desse estudo, depois foi iniciado a coleta de dados, realizada nos meses de outubro e novembro de 2006. Para a coleta de dados, utilizou-se uma entrevista semi-estruturada composta por dez questões e, para a análise dos depoimentos, recorreu-se aos procedimentos da Análise de Conteúdo na perspectiva de Bardin (2004), alternativa que possibilitou compreender de modo mais amplo as visões dos professores pesquisados, sem restringi-las aos sentidos que eles explicitaram, mas relacionando-as também aos que ficaram latentes nas respostas.

A população investigada foi constituída por professores de Educação Física dos Ensinos Fundamental e Médio, que lecionavam em escolas das redes particular e pública — nos âmbitos federal, estadual e municipal — na cidade de Curitiba, estado do Paraná. A seleção da amostra foi intencional, o que é compatível com uma pesquisa do tipo qualitativa. Segundo Patton (1990, p. 169), um dos itens que diferencia uma pesquisa qualitativa de uma quantitativa é a abordagem da amostra, pois, no caso da qualitativa, os participantes são escolhidos propositadamente, visando a selecionar casos específicos cujo estudo iluminará as questões investigadas. Casos específicos — *information-rich cases* — são aqueles pelos quais se pode aprender muito sobre um assunto que seja de importância central para o propósito da pesquisa, por isso o termo “amostra intencional” ou, como escreve Patton (1990, p. 169), *purposeful sampling*.

Em seguida, foi elaborado o roteiro de entrevistas para posteriormente realizá-las. Tais procedimentos estão de acordo com o desenho de uma pesquisa qualitativa, pois envolvem

segundo Lüdke e André (1986, p. 15), três etapas: *exploração*, *decisão* e *descoberta*.

Foi utilizada no desenvolvimento da pesquisa uma entrevista semi-estruturada, principalmente pelas vantagens que essa técnica possibilita aos estudos qualitativos. De acordo com Triviños (1987, p. 145), a entrevista é um importante meio para realizar a coleta de dados, pois, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigado, possibilita que o informante alcance a espontaneidade, enriquecendo a investigação.

Considerações finais

Amparado na Análise de Conteúdo das falas dos professores e nas categorias criadas para interpretar as respostas fornecidas nas entrevistas, podemos afirmar que os sujeitos investigados buscaram a formação em Educação Física por terem sido influenciados diretamente pelo esporte com o qual mantinham contato antes da vida acadêmica.

Os sujeitos deste estudo apontaram que a Educação Física é uma aula que trabalha com atividades corporais, com a predominância dos esportes, e que tem como alguns de seus objetivos preparar o aluno para a sociedade, bem como descobrir e encaminhar atletas para o meio esportivo. A Educação Física realiza a manutenção do poder, assim como as outras matérias escolares, sendo que ela, especificamente, mantém o esporte — e tudo que circula no universo esportivo — em um lugar de destaque, onde a sociedade espera que ele esteja.

Também pode visualizar na fala de alguns professores como eles valorizam o momento da avaliação, o momento do *exame*. Foucault afirma que o exame, enquanto um dispositivo disciplinador é altamente ritualizado. Para esse filósofo, o exame “é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir” (FOUCAULT, 2004, p. 154). Os professores utilizam a sua avaliação como uma cerimônia de poder — com a demonstração da força e o estabelecimento da verdade. É o momento em que o aluno será *qualificado*, pois terá de demonstrar se sabe ou não determinado gesto técnico, *classificado* dentro do grupo de alunos que fizeram a avaliação e *punido* através da nota.

Para os docentes investigados, a indisciplina na Educação Física está relacionada com as atitudes dos alunos, que podem ser manifestadas por meio da displicência e da recusa (resistência) à atividade proposta, bem como da afronta ao professor. Em outras palavras, a indisciplina é representada por atitudes dos alunos que não estejam de acordo com o proposto inicialmente pelo professor ou pelo grupo.

Pelas categorias que foram determinadas, concluí que a indisciplina nas aulas de

Educação Física é uma expressão de poder. Os alunos transgressores são aqueles que afrontam, recusam ou se ausentam das aulas, demonstrando resistência à manutenção do poder que circula no momento da aula. Os professores, por sua vez, utilizam diversas ferramentas, objetivando a docilização dos corpos dos alunos, a subordinação e a *disciplina*. A resistência dos discentes demonstra sua insatisfação com relação ao processo pedagógico presente nas aulas de Educação Física. Sendo assim, será que a metodologia utilizada é apropriada? Será que os alunos querem continuar com a manutenção do esporte, tal como ele é transmitido nas aulas? Os professores deveriam refletir sobre tais questões buscando entendê-las. Dessa maneira, além de diminuir a indisciplina nesta matéria, poderiam propiciar melhores situações de aprendizagem para seus alunos.

Também pode constatar que a maneira como os professores de Educação Física entrevistados pensam em tal matéria influencia no modo como vêm a indisciplina e, conseqüentemente, na maneira como disciplinam seus alunos. Tal constatação foi apreendida da fala dos seis docentes pesquisados, indiferentemente do tempo de formação que tinham.

Utilizando o esporte como conteúdo predominante em suas aulas, os professores buscam a valorização e a conservação daquilo que a sociedade espera da Educação Física — a manutenção dos esportes de alto nível. Dessa forma, os educadores determinam o comportamento almejado para os discentes — comportamento próximo do que é apresentado por atletas, não com relação ao domínio técnico, mas sim a subordinação e obediência que os atletas demonstram nos treinamentos.

Seguindo esse raciocínio, e respondendo ao objetivo desta investigação, consideramos que, para os sujeitos investigados, indisciplina na Educação Física é uma tentativa de romper com a circularidade da manutenção de esquemas de poder, que são derivados das práticas pedagógicas decorrentes de uma concepção da área esportiva e que se refletem como referências em suas aulas. Tais professores concebem a indisciplina como uma resistência ou mesmo ruptura, por parte dos alunos, da circularidade da manutenção do poder dos ideais esportivos. Ideais nos quais os docentes foram enformados e que direcionam suas práticas pedagógicas, suas aulas. Para essa conservação, além de usarem esquemas padronizados de adestramento oriundos da área esportiva, também utilizam ferramentas disciplinares que buscam a docilização dos corpos, a subordinação e o disciplinamento dos educandos.

Se os professores estão disciplinando seus alunos no sentido de empreender a manutenção mencionada acima, a indisciplina representaria uma ruptura desse

empreendimento. Em toda situação que não seja permitida essa continuidade, e na qual o professor não consiga realizar uma seqüência que mantivesse a circularidade, as ações dos alunos serão rotuladas como atos de indisciplina.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. M. S. D. **(In) disciplina na escola:** cenas da complexidade de um cotidiano escolar. 2002. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2002.

AQUINO, J. G. A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 39-55.

ARTUSO, A. R. Subjetivação e a educação através da internet. **Educar**, Curitiba, n. 26, p. 115-129, 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BEDOYA, V. A. M.; MARÍN, E. J. V.; MENA, M. B. Los estilos directivos y la violencia escolar – las prácticas de la educación física. **Revista Iberoamericana de Educación**, Bogotá, n. 38, p. 87-103, 2005.

BRACHT, V. **Educação Física:** a aprendizagem social. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRITO, C. S. **A indisciplina na Educação Física escolar.** 2007. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2007.

DE LA TAILLE, Y. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola:** alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 9-23.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula.** 4. ed. Portugal: Porto, 2002.

FOUCAULT, M. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: Nau, 1996.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975/1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir.** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GARCIA, J. **A gestão da indisciplina na escola.** In: COLÓQUIO DA SECÇÃO PORTUGUESA DA AFIRSE/AIPELF. 11, Lisboa. **Atas.** Lisboa: Estrela e Ferreira. 2001. p.

375-381.

GARCIA, J. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999.

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 73-82.

GUIRADO, M. Poder indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 57-71.

LOPES, A. Disciplina: é mais fácil para os alunos seguir regras que eles ajudam a criar. **Nova Escola**, São Paulo, n. 183, p.45-49, jun./jul. 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU: 1986.

MOREIRA, W. W. Educação Física Escolar: a busca da relevância. In: PICCOLO, V. L. N. (Org.). **Educação Física Escolar: ser... ou não ter?** Campinas: Unicamp, 1993. p. 15-25.

OLIVEIRA, J. E. C. **O papel da disciplina de educação física na minimização da indisciplina escolar**. 2004. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Moura Lacerda, programa de pós-graduação em Educação, Ribeirão Preto, 2004a.

OLIVEIRA, R. L. G. **As atitudes dos professores relacionadas à indisciplina escolar**. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2004b.

OLIVEIRA, V. M. **Consenso e conflito da educação física brasileira**. Campinas: Papirus, 1994.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. 2. ed. Newbury Park: Sage Publications, 1990.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygostiana. In AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 83-101.

TASSA, K. O. M. **A educação física e o trabalho pedagógico: um estudo na secretaria municipal de educação de Ponta grossa/Pr**. 2001. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.